



Rui Eduardo Paes → 28/03/2013 @ 17:41

NORBERT STEIN E O JAZZ PATAFÍSICO

Há um jazz patafísico e o seu expoente mais assumido dá pelo nome de Norbert Stein.

É alemão, os anos embranqueceram-lhe o cabelo, mas não as artes saxofónicas e da composição, e o seu projeto Pata Music tem mais um, e brilhante, episódio: o disco «*Pata on the Cadillac*».



Os vídeos que veem e ouvem neste artigo são de concertos que o antecederam. No estúdio, aos instrumentos envolvidos acrescentaram-se um contrabaixo e uma bateria. O que significa que o jazz de câmara do absurdo da abordagem Cadillac ficou, no CD, mais jazz e menos câmara, mas tão absurdo como sempre...

Absurdo, disse? Precisamente: a patamúsica de Stein é como o patateatro de Alfred Jarry, o inventor da pseudociência que dá pelo nome de Patafísica (apesar de o dramaturgo e poeta da passagem do século XIX para o XX ter imputado a um tal Dr. Faustroll a génese da coisa).

Ou seja, joga com paradoxos, incongruências.

Digamos que a Patafísica é como o budismo Zen, com a diferença de que trocou o ascetismo alimentar pela ingestão abusiva de absinto. Aliás, conta-se que, sob a influência dos vapores da bebida alucinogénica da cor das plantas, Jarry circulava como um louco pelas ruas de Paris com a sua bicicleta, pintado de verde.

Um comportamento nele habitual, de resto. Costumava praticar tiro ao alvo em casa e certa vez uma vizinha queixou-se de que colocava a vida dos seus filhos em risco. A resposta deste pioneiro do vanguardismo estético é elucidativa: «*Não se preocupe, minha senhora. Se isso acontecer, terei todo o prazer em fazer outros consigo.*»

Soluções imaginárias



DESTACADOS



Norbert Stein e o jazz patafísico



Sob o signo de Ballard



A noite em que julgámos ter descoberto ET's



Bicicleta em LX



A morte de Dresden

Assim, o tal de jazz patafísico é uma música de «soluções imaginárias». Nisso, teve bons antecedentes, se bem que regra geral fora deste idioma da arte dos sons e até fora da arte dos sons propriamente dita. Foram pata-absurdos, por exemplo, o pintor Max Ernst, o fotógrafo Man Ray, o ator cómico Groucho Marx, o filósofo Jean Baudrillard.

Mais recentemente, também o escritor Umberto Eco.

Norbert Stein juntou-se ao grupo porque, ao ler «*Ubu Roi*», de Alfred Jarry, percebeu que «*há mais coisas para além das fronteiras da normalidade*». Coisas que «*se podem sentir, mesmo que ainda se desconheçam*».

E não, não se trata de outro nome para a metafísica. A Patafísica surge quando a metafísica esgota as suas virtualidades. Tal como a ciência convencional, aquela dedica-se às generalidades, enquanto a Patafísica prefere muito obviamente o que é particular, o que contraria as tendências gerais.

Ora, o nosso patamúsico acha que há mais mundos para além deste a que chamamos real, pelo que decidiu partir da realidade do jazz para procurar outras realidades possíveis ou impossíveis, e é isso que anda a fazer teimosamente desde há décadas.

Nesse périplo, absorveu tanto elementos da erudição europeia quanto do burlesco, com a consciência de que «*as culturas musicais são apenas ocorrências localizadas, todas elas à procura do mesmo: capturar tudo o que a música pode capturar*».

A definição da sua obra pode ser a mesma que Klaus Voelker deu ao conceito de Patafísica:

«Trata-se de uma lógica não-realista e de uma realidade que está para além das aparências externas e dos princípios de causalidade. Tudo é passível de ser mexido, de ser transformado, de ser virado do avesso e trocado: coisas, tempos e lugares. Mas nada é arbitrário, o que acontece é que a simplicidade consiste numa complexidade inter-relacionada e autopenetrante.»

Evitar regras

Em termos práticos, as composições de Stein nunca são por si terminadas. Os músicos com quem toca é que as concluem, de forma espontânea e interativa. São «pata-pautas», ou, como já as designou, meros «horários».

As peças estão em permanente desenvolvimento, pelo que nenhuma performance das mesmas é semelhante às anteriores. O único fator importante é «*evitar regras e tradições racionais rigorosas, sem desrespeitar as que existem*».

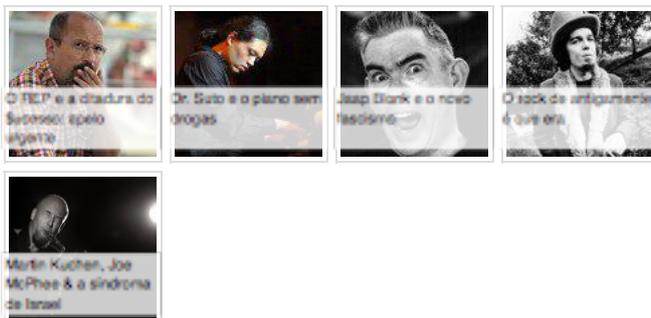
Quer tudo isto dizer que a mente intoxicada de Jarry não influenciou apenas o movimento Dada e o Surrealismo. O seu legado persistiu até à atualidade, primeiro através do Collège de Pataphysique (1948), dedicado a «investigar o inútil» – Boris Vian, o trompetista, crítico de jazz e romancista, foi membro da organização – e desde o ano 2000 tendo como principal veículo institucional o London Institut of Pataphysics.

Este é constituído por seis departamentos, sendo os mais interessantes, talvez, o Bureau for Hirsutism and Pogonotrophy, que se ocupa em determinar métodos de fertilização para a barba, e o Department of Potassons, que tem por finalidade satirizar os projetos dos outros gabinetes.

O Cadillac de Norbert Stein circula por aqui perto...

Dá um xi ▼ ao Bitaites no Facebook | Partilhar artigo no Facebook, Twitter ou Google+

MAIS UNS PARA ENTRETER



« O Tiki-taka de Sócrates

Deixar uma resposta

A invasão que nunca chegou a acontecer »

O seu endereço de email não será publicado. Campos obrigatórios marcados com *

Nome *

Email *

Website

Comentário

negrito *itálico* ~~del~~ [link](#) citar código fechar tag

Quero ser notificado de comentários adicionais por email.

Quero ser notificado de novos artigos por email.

Publicar Comentário

AINDA MEXE



Os monstros das crianças



A grande mistificadora



Quinoterapia III



Quinoterapia II



Quinoterapia



Bem mais do que os Minimus olímpicos

COMO?

QUEM?



Jornalista e Editor @Sapo. Blogger @Bitaites. Pai em todo o lado.



Crítico de música, jornalista cultural. Blogger. Homem de paixões e casmurrices.